

MARCAS DA ORALIDADE E PERSUASÃO NO TELEJORNALISMO BRASILEIRO

PATRÍCIA APARECIDA DA SILVA*

Universidade de São Paulo (USP), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH),
Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas (DLCV), São Paulo, SP, Brasil.

Recebido em: 17 abr. 2018. Aprovado em: 8 jun. 2018.

Como citar este artigo: SILVA, R. A. Marcas da oralidade e persuasão no telejornalismo brasileiro. *Cadernos de Pós-Graduação em Letras*, v. 18, n. 2, p. 166-182, 2018. doi:10.5935/cadernosletras.v18n2p166-182

Resumo

O objeto deste estudo é a análise de alguns aspectos das relações entre oralidade e persuasão no sistema telejornalístico brasileiro, enfatizando o papel exercido pelas marcas da oralidade na construção do uso discursivo de telejornais, bem como o caráter persuasivo da veiculação de notícias. Toda a pesquisa será balizada pelos pressupostos teóricos da Análise da Conversação – principalmente pelos estudos de Marcuschi (1986) – e da Análise do Discurso, representada, sobretudo, pelas teorias de Bakhtin (2010).

* E-mail: paty.wts@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0003-1910-1533>

Palavras-chave

Oralidade. Persuasão. Telejornalismo.

INTRODUÇÃO

A oralidade representa um dos principais aspectos estruturadores de todos os enunciados televisivos. De fato, enquanto “herdeira direta do rádio”, a televisão “se funda primordialmente no discurso oral e faz da palavra a sua matéria-prima principal” (MACHADO, 2000, p.71).

É claro que o uso da palavra na televisão ocorre concomitantemente ao uso de outros instrumentos expressivos, conforme observamos nos dias atuais, a partir do emprego de imagens, de recursos gráficos computadorizados cada vez mais aperfeiçoados e de outras inovações tecnológicas. No entanto, ainda é possível afirmar que a programação televisiva se mantém fortemente estruturada com base no fenômeno da oralidade.

Essa oralidade presente no discurso dos jornais televisivos difere, consideravelmente, da oralidade espontânea: uma vez que a televisão busca, a todo momento, agradar e seduzir o telespectador (com vistas à ampliação de sua audiência), não é de se estranhar que seu discurso, mesmo quando se assemelhe à fala espontânea, seja previamente elaborado para esse fim. De acordo com Rocco (1999, p. 29), a televisão apresenta uma “coloquialidade planejada”, visto que toda a sua programação é estruturada a partir de um “tipo de texto escrito que busca parecer oral”:

[...] mesmo sendo de caráter oral todo o processo de veiculação da TV, a natureza das mensagens, em grande parte, apresenta características diversas, tendo, por exemplo, para um tipo de estruturação textual típica da escrita [...]. Na verdade, o que vemos freqüentemente é uma produção escrita que busca parecer oral.

Neste artigo, buscaremos analisar alguns aspectos dessas relações entre oralidade e persuasão no sistema telejornalístico brasileiro, enfatizando o papel exercido pelas marcas da oralidade na construção do uso discursivo de telejornais e o caráter persuasivo da veiculação de notícias. O *corpus*² do trabalho é

2 O *corpus* utilizado neste artigo integra a dissertação de mestrado defendida pela autora em 2005.

constituído por trechos de gravações dos telejornais veiculados pela TV Globo (*Jornal Nacional*), TV Record (*Jornal da Record* – 1ª edição) e TV Cultura (*Jornal da Cultura*), entre 17 de dezembro de 2003 e 4 de fevereiro de 2004.

RELAÇÕES ENTRE ORALIDADE E ESCRITA NOS TEXTOS TELEJORNALÍSTICOS

A noção de “coloquialidade planejada”, citada anteriormente, evidencia o fato de que a relação entre oralidade e escrita representa a base do texto televisivo – e, mais especificamente, do próprio texto telejornalístico. Torna-se imprescindível, pois, esclarecer que tal relação será aqui analisada a partir da ideia de “contínuo linguístico”, proposta por Marcuschi (2001). Segundo o autor, a noção de oposição entre esses dois sistemas da língua (oral e escrito) foi substituída pela ideia de continuidade, de extensão de um sistema em relação ao outro. Nas pesquisas mais recentes de Análise da Conversação, sobretudo nos trabalhos pioneiros desenvolvidos pelos pesquisadores do Projeto de Estudo da Norma Linguística Urbana Culta de São Paulo (Projeto Nurc/SP), foi constatado o fato de que existem aspectos específicos de uma modalidade linguística em relação à outra, e não propriamente diferenças entre as modalidades. De acordo com Marcuschi (2001, p. 25), não há uma “dicotomia polarizadora” entre o oral e o escrito, mas, sim, uma espécie de *continuum* linguístico:

[...] o texto científico e o ficcional têm semelhanças e diferenças que os aproxima e afasta de modo diferenciado da discussão acadêmica e da conversação espontânea. Isto significa que a fala e a escrita não formam dois extremos mas um contínuo distribuído numa escala de parâmetros empiricamente detectáveis.

O texto telejornalístico encontra-se exatamente nessa faixa do contínuo, e é por esse motivo que apresenta características pertencentes tanto à oralidade quanto à escrita:

[...] a linguagem do jornal, mas também a do rádio, da TV, do cinema, do teatro e da propaganda, mesmo quando escrita, representa uma associação do oral com o escrito, valendo-se das estruturas da fala espontânea, associada aos preceitos da gramática tradicional, o que se tornou norma na linguagem urbana comum (PRETI, 1997, p. 24).

Aliás, alguns estudiosos consideram que essa oralidade peculiar – constituída a partir das características estruturais da fala associada às condições de produção do texto escrito –, presente não só no discurso telejornalístico, mas também em diversas manifestações culturais e midiáticas da atualidade, constitui outra modalidade do oral, identificada como “oralidade secundária”.

A ideia da oralidade secundária surgiu a partir da constatação de que as sociedades que possuem a escrita conseguem estabelecer

[...] modos de dizer diferentes daqueles tipicamente falados [...] dando origem também a formas híbridas de enunciação que mobilizam, em determinadas situações comunicativas, características/recursos de cada uma das modalidades da língua(LINO DE ARAÚJO, 2002, p. 64).

Enquanto a oralidade primária era utilizada como um recurso da memória social dos grupos culturais que não conheciam a escrita (vale lembrar que os conhecimentos culturais desses grupos eram transmitidos apenas oralmente), a oralidade secundária baseia-se na memória social construída a partir da informação escrita (ou seja, a sociedade obtém conhecimentos por intermédio dos textos escritos, veiculados, sobretudo, pelos meios de comunicação de massa): de acordo com Ong (1996, p.153), a oralidade secundária é aquela que “é dependente da escrita e alimentada pelos meios de comunicação eletrônicos” e opõe-se à noção de oralidade primária (a qual é alimentada somente pela memória dos grupos sociais).

A oralidade secundária apresenta, pois, características pertencentes às condições de produção do texto escrito, apesar de também utilizar alguns elementos estruturais próprios do texto falado, dependendo da situação enunciativa: essa associação entre o oral e o escrito constitui, conforme vimos, a base do texto telejornalístico e, por essa razão, não é exagero corroborar a ideia de que a oralidade secundária também está presente no discurso dos jornais televisivos.

Se, por um lado, os apresentadores dos telejornais procuram demonstrar certa espontaneidade ao lerem as notícias escritas no *teleprompter*³, como se estivessem conversando com os telespectadores, por outro, a ausência de uma descontinuidade do fluxo informacional (evidenciada a partir da inexistência de repetições, hesitações ou reformulações) demonstra que o texto lido foi

3 O *teleprompter* é um aparelho que fica situado logo abaixo da câmera e projeta, em letreiro, o texto para o locutor.

previamente planejado. Nesse sentido, o texto telejornalístico é um dos exemplos mais elucidativos das noções de oralidade secundária e do contínuo linguístico proposto por Marcuschi (2001), visto que seu modo de realização ou enunciação (pertencente à modalidade oral da língua) associa-se às suas condições de produção (típicas do texto escrito), fazendo surgir um discurso que busca estabelecer o mesmo efeito de sentido resultante de uma interação face a face. De acordo com Leite (2017 p.84), o telejornalismo brasileiro procura “imitar os recursos linguísticos e discursivos próprios da oralidade típica dos gêneros discursivos informais, como a conversação”.

Também é importante ressaltar que ao empregarmos, neste trabalho, o termo *discurso*, estamos nos referindo ao modo de apreensão da comunicação verbal proposto por Bakhtin (2010), admitindo que a articulação dos conceitos ideológicos e linguísticos só ocorre no discurso – conforme observa Brandão (1995, p.97), “o discurso é uma das instâncias em que a materialidade ideológica se concretiza”. Desse modo, empreender uma análise discursiva dos jornais televisivos implica verificar não só as características do uso linguístico que estes empregam, como também desvendar o universo de valores e crenças aí subjacentes, conforme veremos adiante.

ALGUMAS MARCAS DA ORALIDADE E SUAS FUNÇÕES PERSUASIVAS

O fato de situar-se na faixa do contínuo linguístico existente entre a fala e a escrita faz com que o texto telejornalístico represente uma espécie de “modalidade híbrida de linguagem” (MENDES, 1999, p. 412), responsável por conferir aos telejornais um estilo que, dependendo dos objetivos de suas respectivas emissoras, seja mais parecido com a modalidade escrita ou oral da língua.

Ao considerarmos uma situação de conversação espontânea, verificaremos a presença recorrente de marcadores conversacionais; no entanto, ao tratarmos de situações em que existe uma oralidade pré-produzida (como ocorre no caso do discurso telejornalístico), não iremos deparar com marcadores conversacionais, mas, sim, com *marcas da oralidade*. Em outras palavras, o fato de possuir condições de produção típicas do texto escrito acaba por fazer com que o discurso dos jornais televisivos possua uma oralidade menos marcada

em sua própria textualidade: uma vez que apresentam uma “coloquialidade planejada” – conforme observou Rocco (1999), citada anteriormente –, as marcas de oralidade presentes no texto telejornalístico não se manifestam, na maioria das vezes, de forma explícita. Nos exemplos a seguir, procuraremos observar algumas dessas marcas e suas funções linguístico-discursivas em relação às informações apresentadas pelos telejornais.

Envolvimento

Conforme observa Andrade (1999, p.116), o “envolvimento do narrador, conduzindo a opinião do público sempre com uma perspectiva crítica” também representa uma das marcas da oralidade presente nos textos jornalísticos. Apesar de terem como referência a imprensa escrita, também é possível aplicarmos essas considerações da autora ao telejornalismo, como podemos observar a partir dos fragmentos⁴ a seguir:

(texto 1 – JR⁵) âncora: ...o Brasil é o país latino-americano que menos investe em saúde...a conclusão é da Organização Mundial da Saúde...que divulgou hoje seu relatório anual...

repórter: ...o relatório aponta três prioridades para a saúde do mundo...distribuição do coquetel antiaids ... redução da mortalidade materna e combate às doenças crônicas...no caso do Brasil ... o relatório registra progressos...mas destaca que o país é o que menos gasta em saúde na América Latina... oito vírgula oito por cento do orçamento...a Argentina gasta vinte e um vírgula três por cento...os dados são de dois mil e um ...

âncora: o imposto ó...((imagem do âncora fazendo um gesto com o dedo indicador e o polegar, simbolizando o alto valor dos impostos))

(texto 2 – JN) apresentador: ...um relatório divulgado hoje pela Organização Mundial de Saúde ... mostrou que a aids ... reduziu a expectativa de vida em vários países da África ... no Zimbábue por exemplo ... a esperança média de vida para homens e mulheres ... é inferior a trinta e oito anos ... segundo o documento ... a mortalidade infantil em quatorze países do continente ... em dois mil e dois ... foi maior...desde mil novecentos e noventa...a OMS...elogiou o programa brasileiro de combate à aids

4 As normas para transcrição aqui utilizadas foram extraídas da obra de Preti (1999).

5 Doravante, utilizaremos as abreviações: JN (*Jornal Nacional*), JR (*Jornal da Record*) e JC (*Jornal da Cultura*).

(texto 3 – JC) apresentador: ... a OMS:: ou Organização Mundial da Saúde... publicou hoje na Suíça o seu relatório sobre a situação de saúde no planeta...e o documento dá ênfase ao enorme abismo que existe no setor...entre o mundo desenvolvido...e os países mais...atrasados

repórter: ... o relatório ... com o subtítulo “Montando o futuro” alerta que para milhões de crianças principalmente na África ... o desafio será sobreviver até os cinco anos de idade (...) uma garota nascida hoje no Japão poderá chegar aos oitenta e cinco anos ... já uma menina nascida em Serra Leoa... provavelmente não passará dos trinta e seis anos...esse descompasso resulta do impasse contínuo de doenças transmissíveis...o pior.. é que doenças não transmissíveis também estarão aumentando ... as causas principais de mortes de crianças ... são pobreza ... doenças que provocam diarreia ... pneumonia e outras moléstias do sistema respiratório inferior ... e malária ... a principal causa de morte entre os quinze ... e os cinquenta e nove anos ... é a Aids ... e a Aids também reduz a esperança de vida da maioria das populações africanas ... para trinta e nove anos ... o relatório exige mais serviços de saúde para pacientes de Aids ... diabetes ... doenças cardíacas ... e hipertensão ... para reverter esse quadro ... o relatório da OMS ... sugere expandir as formas de tratamento ... para atingir por exemplo ... três milhões de pessoas nos países em desenvolvimento ... com remédios MAIS baratos ... até o fim de dois mil e cinco...

No texto 2, o tom formal e o vocabulário revelam uma escolha lexical que privilegia o padrão culto da língua (aliás, todos os telejornais aqui analisados apresentam esse padrão), tendo, no entanto, uma simplicidade que dispensa o conhecimento linguístico mais apurado por parte do telespectador. Os substantivos e os adjetivos utilizados identificam e classificam os fatos de forma bastante isenta. A ênfase da matéria recai, apenas, sobre os dados estatísticos referentes às questões da mortalidade infantil, da Aids e do sucesso do programa brasileiro de combate a essa doença (sendo que todas essas informações não são analisadas de modo a proporcionar uma reflexão mais crítica por parte do telespectador), sem qualquer menção a respeito de outros fatores divulgados pelo relatório – não há, pois, envolvimento explícito do apresentador em relação à notícia.

É claro que a opção por esse tipo de apresentação dos fatos é resultado de um processo de edição no qual os redatores e sua equipe determinam o que poderá ser veiculado, revelando, assim, um trabalho analítico de elaboração da reportagem; contudo, no caso do *Jornal Nacional*, essa análise restringe-se ao modo pelo qual a notícia será apresentada (o texto a ser lido, o tempo de exibição da matéria, as imagens etc.), sem a preocupação de conduzir a opinião

do público a partir de uma dimensão crítica – nesse sentido é que se deve entender a afirmativa anterior de que “não há envolvimento em relação à notícia”.

Esse efeito de sentido de distanciamento dos fatos pode ser observado, ainda, a partir dos recursos suprasegmentais da linguagem usados na reportagem, visto que a entonação do apresentador é bastante regular, sem alterações enfáticas. Vemos, pois, que o texto do *Jornal Nacional* apresenta uma tendência maior para um padrão linguístico de formalidade.

O texto do *Jornal da Record* apresenta, já de início, uma observação que sequer foi citada no texto 2 (“...O Brasil é o país latino-americano que menos investe em saúde...”), sem deixar de mencionar outros dados importantes do relatório. Mesmo sendo uma matéria curta (sua exibição durou, aproximadamente, 45 segundos), nota-se que o comentário final do âncora (“...o imposto ó...”) não só garante um menor tom de formalidade ao discurso como também suscita uma reflexão mais crítica a respeito da notícia, pois o telespectador é levado a questionar as razões pelas quais os impostos (cada vez mais altos) não são destinados à área da saúde – esse aspecto explicita, pois, um forte envolvimento (do âncora e do telejornal) com o que é dito, sem isenção de qualquer julgamento de valor.

O texto 3 também apresenta, detalhadamente, um maior número de informações sobre o relatório, citando o seu subtítulo e chegando até a exemplificar a questão da diferença de expectativa de vida dos habitantes dos países desenvolvidos e subdesenvolvidos (“... uma garota nascida hoje no Japão poderá chegar aos oitenta e cinco anos ... já uma menina nascida em Serra Leoa ... provavelmente não passará dos trinta e seis anos...”). Nas falas do apresentador e do repórter são empregados adjetivos que reforçam o teor crítico de suas observações, aumentando o efeito de sentido de proximidade em relação à notícia (“... e o documento dá ênfase ao *enorme* abismo .../ “... o *pior*... é que doenças não transmissíveis também estarão aumentando...”) e, ao final da reportagem, é enfatizada uma provável solução para reverter a precariedade da situação da saúde nos países em desenvolvimento (“... sugere expandir as formas de tratamento [...] com remédios MAIS baratos...”). Todos esses fatores evidenciam não só um grande envolvimento, como também uma postura mais crítica por parte do telejornal em relação ao que é dito. O mesmo ocorre nos exemplos a seguir:

(texto 4 – JR) âncora: ... pesquisa feita para a Confederação Nacional da Indústria mostra estabilidade na avaliação do governo Lula... ((imagens com tabelas

comparativas)) ... foram ouvidos dois mil eleitores em todo o país... entre os dias quatro e oito...a margem de erro é de dois vírgula dois pontos percentuais ... a avaliação positiva do governo Lula oscilou de quarenta e três para quarenta e um por cento...a avaliação regular de quarenta para quarenta e três por cento... e a avaliação negativa se manteve em quatorze por cento...
especialista: ... agentes produtivos duvidando dos sinais de recuperação...do crescimento que nós tivemos aí nesses últimos dois meses...a produção industrial por exemplo...VOLTOU A CAIR EM OUTUBRO.....depois de ter recuperado nos meses anteriores...o emprego... nenhum respiro...NADA... de recuperação de salário...um cenário ...que ninguém aguenta mais né... o Copom justificou o corte aí de /apenas um ponto percentual na trajetória da inflação...que por sua vez mostra preços absolutamente sob controle...ou seja...com espaço pra uma maior redução dos juros sem o risco de um aquecimento de demanda superior a ... capacidade do setor produtivo.

(texto 5 – JN) apresentador: ... o Ibope divulgou hoje a quarta pesquisa encomendada ... pela Confederação Nacional da Indústria ... com a avaliação do governo Lula ... a consulta mostrou...que os índices ficaram praticamente estáveis ... em relação a setembro

repórter: os que aprovam o governo do presidente Lula... passaram de sessenta e nove por cento em setembro ... para sessenta e seis por cento em dezembro ... os que desaprovam... eram vinte e quatro por cento...agora ... são vinte e cinco ... os que não souberam ou não opinaram ... foram de oito para nove por cento ... os que consideram o governo Lula ótimo ou bom ...eram quarenta e três por cento e agora ... quarenta e um por cento ... os que acham regular... foram de quarenta para quarenta e três por cento ... os que acham ruim ou péssimo ...se mantiveram em quatorze por cento ...os que não souberam ou não opinaram... eram quatro por cento e agora ...três por cento... o Ibope ouviu dois mil eleitores em cento e quarenta e cinco municípios ... entre os dias quatro e oito de dezembro ... a margem de erro da pesquisa é de dois vírgula dois pontos percentuais.

(texto 6 – JC) repórter: ...a aprovação do governo Lula caiu um pouco ... mas continua alta ...sessenta e seis por cento aprovam a atual administração ... em setembro eram sessenta e nove por cento ... a desaprovação passou de vinte e quatro para vinte e cinco por cento ... estabilidade também na avaliação pessoal de Lula ... sessenta e nove por cento dizem confiar no presidente ... em setembro eram setenta por cento ... e os que não confiam ... ainda são vinte e seis por cento ...

apresentadora: o Ibope ouviu pessoas entre os dias quatro e oito de dezembro em cento e quarenta e cinco cidades do país ... a margem de erro é de dois vírgula dois pontos percentuais para mais ou para menos ...

apresentador: Márcia esse período é chamado de luademel né ... que é quando::

apresentadora: quanto tempo dura

apresentador: dura/ geralmente dura um ano aqui no caso ... Fernando Henrique teve uma luademel melhor do que a do Lula ... afinal de contas teve quarenta e seis por cento de aprovação contra quarenta e um do Lula...

No texto 5, observamos que tanto o apresentador quanto o repórter limitam-se, mais uma vez, a expor os dados divulgados pelo Ibope, sem qualquer tipo de análise mais crítica de tais informações; no âmbito lexical, notamos a obediência a um padrão de formalidade linguística, mas sem a utilização de qualquer vocábulo ou expressão mais técnica ou que dificulte o entendimento por parte do telespectador. Já no texto 4, verificamos as marcas linguístico-textuais do envolvimento e da crítica em relação aos dados apresentados na reportagem a partir dos comentários feitos pelo especialista (“... agentes produtivos *duvidando* dos sinais de recuperação...”), sobretudo nos momentos de maior alteração enfática de voz (“... a produção industrial por exemplo ... **VOLTOU A CAIR EM OUTUBRO...** / “... **NADA** de recuperação de salário...”); é curioso observar, também, a mistura entre vocábulos mais técnicos (“... *agentes produtivos... / ...aquecimento de demanda*”) e expressões mais coloquiais (“...o emprego ... *nenhum respiro...*”), incluindo até alguns marcadores conversacionais (“... um cenário ... que ninguém aguenta mais *né...*” / “... o Copom justificou o corte *aí* de apenas um ponto percentual...”) presentes na fala do especialista, explicitando, ainda mais, o envolvimento com o que é dito.

O texto 6 também possui essa mescla entre expressões mais coloquiais – apresentando, inclusive, um marcador conversacional (“... esse período é chamado de *lua de mel né* ... que é quando:...”) – e vocábulos mais técnicos, evidenciando uma tendência inerente à própria linguagem dos meios de comunicação de massa:

[...] Novelas, noticiários, programas cômicos, divulgação científica, noticiário diário de imprensa, legendas de filmes de cinema, propagandas, etc. devem atingir um receptor-padrão, sempre que possível uniforme [...] Recebemos, cultos e incultos, um lazer e uma informação iguais, numa linguagem que todos entendem [...] Eis instaurada a norma linguística da mídia, misturada aos hábitos linguísticos orais e escritos [...] (PRETI, 2000, p. 249).

Essa “norma linguística da mídia” possui uma forte inter-relação com a “linguagem urbana comum”, também analisada por Preti (1997): a ideia de que os falantes cultos empregam, em qualquer tipo de interação, apenas as

regras da gramática normativa não é verdadeira; dependendo do contexto interacional, os falantes com alta escolaridade revelam um discurso que se identifica, na maioria das vezes, com o do falante urbano comum (com nível médio de escolaridade): surge, assim, um discurso que possui estruturas da fala espontânea, associadas às da gramática tradicional – essa é, aliás, a *norma* da “linguagem urbana comum”.

Conforme observamos nos exemplos aqui analisados, é esse o tipo de discurso mais recorrente nos textos telejornalísticos, não sendo exagero afirmarmos que os jornais televisivos contemporâneos não seguem, apenas, a norma culta ou a norma coloquial. Nota-se, hoje, uma tendência a seguir uma norma que mescle os preceitos cultos aos coloquiais, ou seja, reproduzem-se as prescrições de um novo tipo de norma: a *norma* da “linguagem urbana comum” ou, mais especificamente, a “norma linguística da mídia” (PRETI, 2000, p.249).

Vemos, assim, que essa “norma linguística da mídia” é utilizada nos textos telejornalísticos com o objetivo de criar um discurso menos tenso (possivelmente para se adequar a todo tipo de telespectador), sendo que, nos exemplos analisados (sobretudo nos textos 4 e 6 , seu uso também serviu para evidenciar um maior envolvimento dos telejornais com os fatos noticiados.

Utilização acentuada de pormenores

Com o objetivo de garantir o envolvimento do telespectador, muitos telejornais acabam ressaltando, de forma exagerada, os pormenores de uma informação; “de fato, a necessidade de criar um contexto para a notícia permite ao jornalista a liberdade de arbitrar sobre a ênfase e a quantidade de pormenores” (ANDRADE, 1999, p.115).

No *corpus* em análise, observamos uma grande tendência à ênfase demasiada das minúcias das notícias, evidenciando a forma como o uso acentuado de pormenores, “elemento característico do envolvimento no discurso falado” (ANDRADE, 1999, p.115), constitui uma significativa marca de oralidade no texto telejornalístico. Os fragmentos a seguir ilustram, mais nitidamente, esse aspecto:

(texto 7 – JR) apresentador: ...cresce o número de mortos principalmente entre os rapazes...o IBGE divulgou hoje...a estatística de registro civil...com os números do ano passado...em mil novecentos e noventa...sessenta por cento dos homens

que morreram quando tinham entre quinze e vinte e quatro anos...sofreram morte violenta...em dois mil e dois...foram setenta por cento...o levantamento do IBGE...concluiu também que aumentou a gravidez adolescente...em noventa e um... dezesseis por cento dos partos eram de mulheres com menos de vinte anos ...em dois mil e dois...os partos de adolescentes foram vinte por cento do total...e oitocentas mil crianças que nasceram no ano passado...não foram registradas como manda a lei...antes de completar três meses...o número...representa vinte e três por cento ...dos três milhões e meio...de bebês nascidos no Brasil...
âncora: continua subindo a criminalidade...continua subindo a violência ...e a sociedade brasileira o governo continuam... inertes...temos que pressionar porque esta situação está se agravando (...) enquanto não for feita uma INtervenção CIRÚRGICA ...profunda...pra resolver esses problemas(...) a situação SÓ VAI...infelizmente ... piorar ...e muito

(Texto 8 – JN) apresentador: ... uma pesquisa do IBGE divulgada hoje mostrou que milhares de brasileiros não têm certidão de nascimento...um documento gratuito e que garante acesso...a direitos civis...só no ano passado foram três milhões e meio de nascimentos ...mas oitocentos mil cidadãos...ficaram sem registro...

repórter: Márcia e Luis vivem na periferia de São Luís do Maranhão... os quatro filhos do casal não têm certidão de nascimento...e o mais velho...já está com VINte e um anos de idade...

Márcia... é muito difícil pra gente...que a gente tem muito filho e depende tudo de um registro...

repórter: de acordo com a pesquisa do IBGE de cada quatro brasileiros que nascem um ...não é registrado pelos pais...

atendente do cartório: ...falta esclarecimento por parte do governo né...de que as pessoas têm acesso ao registro de nascimento de forma gratuita... () não tem () disso...

repórter: o levantamento de informações foi feito nos cartórios de registro civil... onde também são informados casamentos... separações e óbitos... o índice de mortalidade infantil caiu entre mil novecentos e noventa ...e dois mil e dois ... de, onze vírgula três para cinco vírgula dois por cento ... mas ainda é alto nas regiões mais pobres do país ... Maria e Afrânio... perderam uma filha recém-nascida ... eles moram em Alagoas... onde a taxa de mortalidade infantil passa dos cinquenta por cento ... a pesquisa do IBGE revela ainda um aumento da gravidez na adolescência ... em noventa e um ...dezesseis vírgula trinta e oito por cento das mães ... tinham menos de vinte anos de idade ...em dois mil e dois ... o índice subiu para vinte vírgula setenta e cinco por cento...

apresentador: ...a pesquisa do IBGE mostrou ainda que as mortes violentas como homicídios e acidentes de trânsito... afetam mais os jovens do sexo masculino... nos últimos doze meses...perdão nos últimos doze anos...o índice subiu de quatorze vírgula dezessete ...por cento para dezesseis vírgula TRINta e um por cento...

Ao apresentar o problema de pessoas que não possuem certidão de nascimento, observamos a grande ênfase conferida, no texto 8, a detalhes que poderiam ser desconsiderados, sem acarretar qualquer tipo de prejuízo ao conteúdo informativo, tais como a exibição de imagens e depoimentos de casos particulares (“...Márcia e Luís vivem na periferia de São Luís do Maranhão... e os quatro filhos do casal não têm certidão...” / “Maria e Afrânio...perderam uma filha recém-nascida...”); contudo, esse grande destaque concedido aos pormenores da notícia garante o envolvimento do público, mas é importante ressaltarmos que se trata de um tipo peculiar de envolvimento, que não proporciona uma reflexão mais crítica do problema retratado, ou seja, é um envolvimento puramente emocional.

Ocorre exatamente o oposto no *Jornal da Record*: nenhum pormenor da situação é ressaltado no texto 7, pois a notícia refere-se, apenas, aos dados estatísticos do IBGE; no entanto, o comentário final do âncora explicita seu envolvimento com o que é dito (“...temos que pressionar porque esta situação está se agravando...”), conduzindo a visão do telespectador para uma reflexão sobre as informações. Notamos, pois, que a ausência de pormenores revela uma opção do *Jornal da Record* por um tipo de envolvimento diferente do utilizado pelo *Jornal Nacional*: é claro que os comentários do âncora possuem um estilo bastante contundente, mas não podemos negar que o envolvimento suscitado por suas observações desperta a indignação dos telespectadores, ao contrário da atitude de passividade e consentimento emocional gerada pelo *Jornal Nacional*.

A utilização acentuada de pormenores também está presente em algumas matérias do *Jornal da Cultura*, conforme ocorre no exemplo a seguir:

(texto 9 – JC) apresentador: ... o IBGE aponta o crescimento dos números/do número de adolescentes grávidas no Brasil... Tocantins ... é o estado com o maior número de meNinas... gestantes...o problema é tão grande ... que o governo do Estado quer colocar na GRAd e curricular a matéria ... educação sexual ... confira aqui ...na reportagem de Gédson Nunes ...

repórter: a pesquisa analisou em dois mil e dois ... informações fornecidas pelos cartórios de todos os estados brasileiros ... entre as descobertas do IBGE ... o aumento da gravidez na adolescência ... no Tocantins ... o índice foi de vinte e sete vírgula oito por cento ...

analista do IBGE:...um dos motivos ... é porque o Tocantins é um estado em construção ... consequentemente ... asfalto barragens ...a própria capital em construção atrai homens ... do Brasil inteiro ... e:: também famílias eh:::: com uma grande prole ...sem trabalho renda baixa

repórter: casos como o de Gleiciane ... que aos dezesseis anos está GRÁvida pela seGUNda vez

Gleiciane: foi rápido ((risos))..até demais ... sei lá ... eu não esperava ...

repórter: a Secretaria Estadual da Saúde realizou uma pesquisa este ano.... verificou que mais de quarenta e sete por cento das gestações... são de mães com idade até vinte anos ... a Secretaria acredita que a educação ... pode ajudar a mudar este quadro preocupante ...

secretária de saúde: ...este ano estamos trabalhando nas ações nas escolas ...com relação a ... orientação sexual né:: é uma::é um desejo também a gente tentar(mudar) a grade curricular(...)

apresentadora: o Jornal da Cultura ouviu o especialista em psiquiatria infantil Içami Tiba... segundo ele o modelo de orientação sexual preCisa ser mudado ... Içami Tiba: só informação não resolve porque::...é o padrão cultural que fala mais alto ... então não adianta uma informação não praticada ...é importante ... que:: para que um padrão se pegue ...as pessoas pratiquem ... e praticar significa levar às pra::ças conversar::

apresentador: bem daqui a pouquinho você vai ver outros dados divulgados pelo IBGE ... como é alarmante o número de crianças não registradas pelo país ... oitocentos mil por ano ...como você viu também em pesquisas anteriores ... não é ... como nós vimos que::... mulheres mais pobres e com menor escolaridade têm mais filhos ... não é ... eu acho que o fator cultural o fator educacional também pesa ... para que as adolescentes com menos de vinte anos de idade em camadas de renda mais baixas ... também né ...engravidem mais do que as pessoas da classe média...

O tratamento dado à notícia no texto 9 privilegia um dos dados estatísticos do IBGE (a questão da gravidez na adolescência), conferindo uma ênfase excessiva aos seus pormenores, como observamos a partir da exibição do caso da jovem Gleiciane. Todavia, esses pormenores não se restringem, apenas, à simples narrativa de casos particulares (como ocorre no texto do *Jornal Nacional*), pois há depoimentos de especialistas (um analista do IBGE, a secretária estadual de saúde e um especialista em psiquiatria infantil), que suscitam uma visão crítica do fato. Além disso, as próprias enunciações do repórter e do apresentador demonstram um envolvimento crítico com o que é dito: o repórter utiliza-se de recursos como gestos e entonação enfática para chamar a atenção do público em relação ao fato de que a jovem Gleiciane, “aos dezesseis anos está GRÁvida pela seGUNda vez...” e que ela “...é aPENas mais UMA nas estatísticas...”; o apresentador, por sua vez, não deixa de mencionar que o aumento dos índices de gravidez na adolescência também pode ser explicado

pelo fator cultural (“...mulheres mais pobres e com menos escolaridade têm mais filhos...”).

É dessa forma que o envolvimento criado pela utilização excessiva de pormenores no texto 9 não se restringe ao aspecto emocional, já que o telespectador é levado a refletir sobre as causas dos índices divulgados pelo IBGE e, até mesmo, a procurar uma provável solução para o fato. Aliás, a própria reportagem aponta um dos caminhos para resolver o problema, a partir da mudança do atual modelo de educação sexual das escolas e da sociedade.

Ainda que determine reações diferentes por parte dos telespectadores – ora há um mero envolvimento emocional com que é dito, ora há um envolvimento que suscita uma atitude crítica –, não podemos negar que a utilização acentuada de pormenores é uma marca da oralidade bastante utilizada pelos telejornais analisados. Por esse motivo, não é exagero afirmarmos que além de atuar (no âmbito linguístico) como uma marca da oralidade, o uso acentuado de pormenores representa (no âmbito discursivo) uma importante estratégia de persuasão utilizada pelos telejornais, na medida em que envolve os telespectadores, mostrando, exatamente, aquilo que eles mais desejam ver.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o objetivo de envolver os telespectadores, o discurso telejornalístico tem revelado uma tendência, bastante acentuada, de incorporar alguns recursos típicos da língua oral, de acordo com o que observamos nos exemplos analisados. A utilização estratégica dessas marcas da oralidade é responsável não só pelo envolvimento como também pela manipulação da atitude interpretativa dos telespectadores, garantindo elevados índices de audiência aos jornais televisivos.

A partir desta pesquisa, verificamos que, embora os telejornais procurem manter sua credibilidade apresentando-se como meros veículos de transmissão de notícias, pautados por critérios de objetividade, a luta pela audiência tem influenciado, consideravelmente, sua prática discursiva: as marcas da oralidade aqui analisadas (envolvimento e utilização acentuada de pormenores) representam estratégias persuasivas que demonstram a grande preocupação dos jornais televisivos com o estabelecimento de um discurso que agrade ao telespectador. Esse fator corrobora, pois, a tese de que “a informação televisionada

não obedece somente a uma missão cívica de esclarecimento do público [...] ela também é, indissolivelmente, um ‘produto’ dotado de valor comercial” (LOCHARD, 1996, p. 71).

Orality marks and persuasion in the Brazilian telejournalism

Abstract

The subject of this study is to analyze some aspects of the relationships between the oral language and persuasion in the Brazilian telejournalism system, focusing on the role played by the orality marks on the construction of the discursive use of the newscast, as well as the persuasive character of the news broadcasting. The whole research will be supported by the theoretical presuppositions of the Conversation Analysis – mainly by the studies of Marcuschi (1986) – and the Discourse Analysis – specially represented by the theories of Bakhtin (2010).

Keyword

Orality. Persuasion. Telejournalism.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, M. L. da C. V. de O. Oralidade e discurso jornalístico. *Revista de Filologia e Linguística Portuguesa*, São Paulo, n.3, p.105-120, 1999.

BAKHTIN, M. (Volochínov). *Marxismo e filosofia da linguagem*. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

BRANDÃO, H. N. *Introdução à análise do discurso*. 4. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1995.

LEITE, M. Q. A conversa é aqui nos telejornais. In: LEITE, M. Q. (Org.). *Oralidade e mídia*. São Paulo: Humanitas, 2017. v. 13, p. 83-135.

LINO DE ARAÚJO, D. Oralidade secundária em telejornais: o texto escrito para parecer oral. In: FRANÇA, A. (Org.). *Seleção de textos proferidos durante o IV Enapol*. São Paulo: SDI/FFLCH/USP, 2002. p. 63-83.

LOCHARD, G. Discurso e informação televisionada: evoluções estratégicas. In: CARNEIRO, A. D. (Org.). *O discurso da mídia*. Rio de Janeiro: Oficina do Autor, 1996. p. 71-80.

- MACHADO, A. *A televisão levada a sério*. São Paulo: Senac, 2000.
- MARCUSCHI, L. A. *Análise da conversação*. São Paulo: Ática, 1986.
- MARCUSCHI, L. A. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2001.
- MENDES, E. A. de M. A questão do oral/escrito nos telejornais. In: MARI, H. et al. (Org.). *Fundamentos e dimensões da análise do discurso*. Belo Horizonte: Carol Borges – Núcleo de Análise do Discurso/Fale/UFMG, 1999. p. 403-414.
- ONG, W. J. (Org.). *Oralidade e cultura escrita: atecnologização da palavra*. Tradução Enid Abreu Dobránsky. Campinas: Papirus, 1996.
- PRETI, D. (Org.). *Análise de textos orais*. São Paulo: Humanitas, 1999. v. 1.
- PRETI, D. A gíria na língua falada e na língua escrita: uma longa história de preconceito social. In: PRETI, D. (Org.). *Fala e escrita em questão*. São Paulo: Humanitas, 2000. v. 4, p. 241-257.
- PRETI, D. *A propósito do discurso urbano oral culto: a língua e as transformações sociais*. In: PRETI, D. (Org.). *O discurso oral culto*. São Paulo: Humanitas, 1997. p. 17-27.
- ROCCO, M. T. F. *A linguagem autoritária*. Televisão e persuasão. São Paulo: Brasiliense, 1999.
- SILVA, P. A. Informação televisiva e estratégias de persuasão: um estudo sobre as marcas da oralidade no discurso dos telejornais. 2005. 167p. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.